

Os animais e os direitos humanos

Richard Ryder

A palavra especismo me ocorreu durante o banho, cerca de 35 anos atrás em Oxford. Era algo como o racismo ou sexismo - um preconceito moralmente irrelevante baseado em diferenças físicas. Com Darwin aprendemos que se somos animais humanos relacionados a todos os outros animais através da evolução, como, então, podemos justificar a nossa quase total opressão a todas as outras espécies? Todas as espécies de animais podem sofrer dor e angústia. Animais gritam e esperneiam como nós, os seus sistemas nervosos são similares e contêm a mesma bioquímica que sabemos estar associada com a experiência da dor em nós mesmos.

Nossa preocupação com a dor e o sofrimento dos outros deve ser estendida a todos os “dorentes” – sentir dor, independentemente do seu sexo, classe, raça, religião, nacionalidade ou espécie. Com efeito, se alienígenas do espaço revelarem-se dorentes, ou se nós alguma vez fabricarmos máquinas dorentes, teremos então que ampliar o círculo moral para incluí-los. Uma ciência da dor é o único argumento convincente para a atribuição de direitos ou, melhor, interesses pelos outros.

Muitas outras qualidades, tais como “valor inerente”, têm sido sugeridas. Mas um valor não pode existir na ausência de consciência ou de potencial consciência. Assim, rochas, rios e as casas não possuem

direitos ou interesses próprios. Isto não significa, evidentemente, que não possuem valor para nós, e para muitos outros seres dorentes, incluindo os que daqueles se utilizam como habitat e que sofreriam se eles deixassem de existir.

Muitos dos ideais e princípios morais têm sido desenvolvidos ao longo dos séculos - justiça, liberdade, igualdade, fraternidade, por exemplo. Mas estes são meros pontos de apoio para o bem final, que é a felicidade; e felicidade torna-se mais fácil quando se está livre de todas as formas de dor e sofrimento (usando as palavras “dor” e “sofrimento” alternativamente). Realmente, se você pensar cuidadosamente sobre isso, você poderá ver que a razão pela qual esses ideais são considerados importantes é por que as pessoas têm acreditado que eles são essenciais para o banimento do sofrimento. Na verdade, elas chegam a este resultado, mas, nem sempre.

Por que insistir na dor e outras formas de sofrimento, e não o prazer e a felicidade? Uma resposta é que a dor é muito mais poderosa do que o prazer. Será que você trocaria uma hora de êxtase por uma hora de tortura? A dor é na realidade o primeiro e único mal. O que dizer então sobre os masoquistas? A resposta é que a dor lhes dá um prazer que é maior do que a sua dor!

Um dos importantes princípios do dorismo (o nome que eu dou para a minha abordagem moral) é que devemos nos concentrar sobre o indivíduo, pois é o indivíduo – e não a raça, a nação ou a espécie – que sente o verdadeiro sofrimento. Por esta razão, as dores e prazeres de vários indivíduos não podem ser agregados de forma significativa, como ocorre no utilitarismo e na maior parte das teorias morais. Um dos problemas com a visão utilitarista é que, por exemplo, o sofrimento de uma vítima de estupro pode ser justificado se o estupro dá uma maior soma de prazer aos estupradores. Mas a consciência, sem dúvida, é delimitada pelas fronteiras do indivíduo. A minha dor e a dor dos outros são, portanto categorias distintas, e não se pode adicionar ou subtrair-las umas das outras. Elas são mundos separados.

Se não enfrentarmos diretamente as dores e os prazeres como eles realmente são - estamos contabilizando apenas a sua casca. Assim, por exemplo, infligindo 100 unidades de dor em um indivíduo é, para

mim, bem pior do que impor uma única unidade de dor em milhares ou milhões de indivíduos, apesar de o total de dor no último caso ser bem maior. Em toda a situação, nós devemos assim nos preocuparmos primeiramente com a dor do indivíduo que é o maior sofredor. Não importa, moralmente falando, o que ou quem seja o maior sofredor - se ser humano, animal ou máquina. Dor é dor independentemente daquele que a sofre.

Evidentemente, cada espécie é diferente em suas necessidades e nas suas reações. O que é doloroso para alguns não é necessariamente para outros. Assim, nós podemos tratar de forma diferente espécies diferentes, mas devemos sempre tratar igualmente sofrimentos iguais. No caso de não-humanos, assistimos eles sendo impiedosamente explorados na pecuária, em laboratórios e na vida selvagem. Uma baleia pode demorar 20 minutos para morrer depois de ser arpoada. Um lince pode sofrer por uma semana com sua perna quebrada, causada por uma armadilha de aço dentada. Uma galinha chocadeira vive toda sua vida sem conseguir ao menos esticar suas asas. Um animal em um teste de toxicidade, envenenado por um produto de limpeza, pode agonizar durante horas ou dias antes de morrer.

Estes são as principais formas de abusos que provocam grande sofrimento. Ainda assim, eles continuam sendo justificados sob o fundamento de que estes dorentes não são da nossa espécie. É como se algumas pessoas nunca tivessem ouvido falar em Darwin! Nós tratamos os outros animais não como parentes, mas como coisas insensíveis. Não sonharíamos em tratar os nossos bebês ou os adultos mentalmente deficientes dessa forma – ainda que esses seres humanos sejam, algumas vezes, menos inteligentes e capazes de se comunicar conosco, do que alguns não-humanos explorados.

A simples verdade é que exploramos os outros animais e lhes causamos sofrimento, porque somos mais poderosos do que eles. Significaria isso dizer que, se os extraterrestres mencionados anteriormente aqui aterrissam e fossem bem mais poderosos do que nós, nós deixaríamos – sem discussão – que eles nos perseguissem e nos matassem por esporte, realizassem experiências conosco, nos criassem em fazendas industriais e nos transformassem em saborosos

hambúrgueres humanos? Nós aceitaríamos a explicação deles de que seria moralmente aceitável que eles fizessem todas essas coisas conosco, uma que não somos da espécie deles?

Se nos preocupamos com o sofrimento de outros seres humanos, logo devemos nos preocupar com o sofrimento de não-humanos também. É impiedoso explorador de animais, e não o protetor, que está sendo irracional, mostrando uma tendência sentimentalista ao colocar a sua própria espécie em um pedestal. Todos nós, graças a Deus, sentimos uma centelha natural de simpatia para com o sofrimento dos outros. Temos que pegar essa centelha e abaná-la para ela se converta no fogo da compaixão universal e racional.

Se nós gradualmente trouxermos os não-humanos para dentro da nossa esfera moral e jurídica, não seremos mais capazes de explorá-los como nossos escravos. Muitos avanços têm sido realizados com a nova e sensata legislação da Comunidade Européia, nas últimas décadas, mas ainda há um longo caminho a percorrer. Algum reconhecimento internacional do status moral dos animais há muito tempo é esperado. Existem vários tratados de preservação, mas nada no nível da ONU, por exemplo, que reconhecem direitos, interesses ou o bem-estar dos animais. Isso deve mudar, sim, e eu acredito nisso.